

*O mundo nunca deixa de rescrever a sua história, de a bifurcar no destino de cada um dos seus habitantes, humanos e não humanos. Estar no mundo não significa já encontrar-se no interior de uma linha de horizonte fechada e longínqua: significa, bem pelo contrário, segregar esse horizonte a partir do seu próprio corpo, engendrar o mundo e povoá-lo, minuto a minuto, com novos habitantes.*

Emanuele Coccia, in *A Vida das Plantas*

*L'homme serrait le plus heureux des êtres si du seul besoin qu'il a d'une illusion quelconque ne naissait aussitôt la réalité.*

Marquis de Sade

Integrada num trabalho de continuidade a exposição individual da artista Mariana Barrote (Fão, 1986) *Eye-Vo-Re* (título tomado de empréstimo a Roger Caillois - em *O Mito e o Homem*), é em si uma comunicação secreta entre camadas de camuflagem. Toda a exposição centrar-se-á em três grandes gestos, como uma incursão pelo território íntimo e ambivalente. Neste labirinto, o confronto é iniciado pelo desenho, que se desdobra em pintura e nasce do olhar devorador de formas, - aglutinando sensações lidas pela retina, - e devolvidas através da memória, no gesto da mão. A vertigem do desenho é o gesto transformador do corpo, que leva tudo, assumindo características diferentes sem se fechar numa única anatomia. Em continuidade ao desenho e à pintura, diferentes objectos, - o nosso *fio de Ariane*, todos espelham diferentes corpos pelo espaço da galeria. Reencontramos o seu todo, neste caso os objectos, num único palco, a vibrar nos planos do vídeo, composto por três actos e envolvido por uma atmosfera sonora de sons de anfíbios. Sabemos que esta poesia *global* não se vence por um discurso apenas mitológico, mas antes pela experimentação de múltiplos sentidos, enquanto *transe* de vida na relação com o outro, na relação com o *eu*, voltado para si próprio e para os seus ilusórios iguais.

Os ritmos monocromáticos dos desenhos ganham o pulso de uma dança entre referências, onde cada olhar encontra a sua própria correspondência, num processo de aproximação. Primeiro através de uma câmara clara, e à medida que se avança, perpassando uma cortina, - através de uma transformação táctica parecemos entrar já noutra lugar, isto é um lugar interior, como se entra no interior do ventre de uma baleia. Neste novo espaço ganhamos carga semântica, sombras duras são o desenho oferecido por um totem. À medida que nos aproximamos desta divindade de formas sentimos a sua simbologia e *ad infinitum* as imagens que comunicam secretamente. Neste outro espaço, *câmara escura*, cada desenho é como o *odor da pantera*. Aquele odor que nos seduz e que nos devora. O gesto do desenho é marcial, como também é o gesto do louva-deus, que na sua espera solitária de samurai se desvenda, se revela e vence.

A importância do nome de cada obra em toda a exposição amplia o sentido da instrumentalização da nossa imaginação e é em si uma aprendizagem. Sabemos que esta súplica do mundo não é mais do que a ‘tradução’ do olhar e da mão que faz o seu sentido, surgindo aos poucos, tal como passos e movimentos novos numa dança. Obras como *Olha-boca*, *Alvo-ventoa*, *Senhor Bu*, *Viço-Laço*, *Cobra-Flor*, *Sangue-Seiva*, ou *Supro-Louvor*, é o início da descoberta do “eu”, só possível na presença do *outro*.

*Eye-Vo-Re* devora-nos, e exige a coragem do tempo da aproximação. Recorrendo a detalhes e a momentos de encontros e prazeres súbitos, numa dança que se faz devagar, aumenta gradualmente a velocidade, e com ela as construções do mundo. Erótica entre gestos camuflados, toda a exposição é a deliciosa sequência de passos e contrapassos, povoada de seres diferentes que respondem a um desejo que nos apela, e nos fere de tanta delícia.

Metamorfoses e repetição diante diferentes meios, são uma narrativa aberta para o nosso processo de autoconhecimento. Começamos a sentir que aqueles seres alcançam o nosso imaginário utópico como num sonho balsâmico.

Rita Roque